

Aspectos de uma teoria gerativa do texto poético

Teun A. van Dijk

In: A. J. Greimas (org.). *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Editora Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, pp. 209-238.

Artículo original: Quelques aspects d'une théorie du texte poétique. In: A.J. Greimas, (Ed.) *Essais de poétique sémiotique*. Paris: Larousse, 1972, pp. 180-206.

ASPECTOS DE UMA TEORIA GERATIVA DO TEXTO POÉTICO

Tomando como ponto de partida os conhecimentos adquiridos pelos teóricos formalistas e estruturalistas, certos aspectos preliminares de uma teoria explícita do texto poético foram aqui elaborados, utilizando a análise de um texto de Roubaud. A parte formal dessa teoria é constituída por uma gramática gerativa "textual", cujas regras especificam a descrição estrutural de uma infinidade de textos poéticos possíveis. Para tanto, a gramática de Chomsky precisa ser ampliada em diversos pontos: regras de formação semântico-lógicas engendram a (macro) estrutura profunda do texto; séries de transformações manifestam essa estrutura na superfície textual; finalmente, estruturadores definem, nos diferentes níveis, a coerência textual e as correlações especificamente literárias do poema.

Ao nível semântico do texto, esta coerência, que faz lembrar a noção greimasiana de isotopia, articula-se como uma estrutura "temática" bastante abstrata de configurações sêmicas, análoga, em princípio, à estrutura profunda de uma frase. A definição explícita do texto poético é assim fornecida por regras e transformações que manifestam essa estrutura profunda na superfície frástica. Contrariamente ao texto narrativo, são sobretudo as microoperações (fônicas, sintáticas, gráficas) que predominam neste tipo de textos literários.

A noção de "teoria" e suas implicações

A análise e a teoria dos *textos* geralmente qualificados de "literários" parecem aprofundar-se logo que uma das ciências "auxiliares" faz progressos. Tem sido possível observar este fato bastante paradoxal, não somente a propósito das contribuições da psicanálise, da sociologia, da antropologia, da teoria da informação, etc., como também, e sobretudo, por ocasião do ingresso da semiótica e da lingüística no campo

literário. Esta situação, já muito conhecida, não causará espanto a ninguém se nos lembrarmos de que, no caso destas últimas disciplinas, trata-se sempre de tornar explícito o "sistema" subjacente aos "textos" (mensagens, discursos) transmitidos numa comunicação de tipo semiótico.

Entretanto, causa-nos espécie o fato de, não obstante a influência decisiva da lingüística estrutural, ainda não possuímos uma *teoria* geral, ou mesmo parcial, do texto "literário". E, quando falamos em "teoria", temos em mente um sistema coerente e relativamente simples de hipóteses (regras) que, de um modo explícito e adequado, "expliquem" (as propriedades de) certo objeto de estudo que tenha um objetivo epistemológico pertinente. Aí estão apenas alguns critérios da 'metodologia científica que deve orientar a elaboração de uma teoria do texto ("literário" ou outro qualquer) .

Não é apenas em virtude de seu caráter parcial que as idéias, no entanto importantes, dos formalistas russos e dos estruturalistas atuais são inadequadas frente aos critérios metodológicos; algumas exigências — entre as quais é fundamental a de *explicitação* — deixaram de ser atendidas. Isto não desmerece de maneira alguma a contribuição indispensável da teoria literária dos formalistas russos (basta lembrar Jakobson), dos estruturalistas de Praga (Mukarovsky), dos glossemáticos de Copenhague (Hjelmslev, Sørensen, Johansen), estilisticistas (Riffaterre) , dos teóricos da informação (Bense, Walther) , de Propp e de todos aqueles que nele se inspiraram (Lévi-Strauss, Barthes, Greimas, Bremond, etc.) . O fato de mencionar os nomes das "escolas" de uma mesma tendência formalista-estruturalista revela até que ponto a "teoria da literatura" continua longe de uma unificação. Uma nova teoria do texto literário, onde se integrem as aquisições desses estruturalistas, terá de ordenar este quadro teórico. A semiótica de Morris ¹ e Kristeva ² visa a essa "unificação das abordagens (unificação que constitui, aliás, ao mesmo tempo, uma "crítica" das ciências) com o auxílio de uma terminologia e de um método que ainda requerem precisões; elas pretendem explicar não só esse fato semiótico geral, que é a prática textual designada como "Literatura", como também os conjuntos estruturados de signos, isto é, os textos e mecanismos lingüísticos que se acham na base das diversas operações semiopoéticas.

1. *Foundations of the Theory of Signs*, Chicago, International Encyclopedia of Unified Science, 1938.

2. "La Sémiologie, science critique et/ou critique de la science", in *Théorie d'ensemble*, Paris, Le Seuil, col. "Tel Quel" 1968, p. 80-93.

Será sobretudo sobre estes últimos aspectos de uma "semiótica literária" que concentraremos nossa atenção, neste *metatexto*, a fim de procurar isolar os resultados provisórios de uma teoria do texto de visada *gerativa*.

Colocando assim o texto e sua criação formal no centro de nossas preocupações, deixaremos de lado, por enquanto, os aspectos sócio e psicosemióticos do condicionamento e do que fica ao redor desse texto. A escritura, em seu fazer produtivo, constituirá o objeto de um encaminhamento regressivo, a partir de sua realização lingüística concreta no texto. Este procedimento não constitui, de maneira alguma, uma indução falsamente empírica. Pelo contrário, a teoria e o método dedutivos orientarão esta pesquisa. A taxinomia e o "modelo" do corpus (fechado) serão considerados apenas como uma abordagem inicial, voltada para a compreensão do objeto de conhecimento, isto é, do texto. Limitar-se a isto, como diz Chomsky³, constitui um método inadequado. Será portanto aconselhável introduzir na teoria da "poética" (ou "ciência da literatura") alguns dos critérios formulados em sua teoria da gramática.

Lembremos que, para os transformacionistas, a "gramática" é um conjunto restrito de *regras* (interiorizadas por todo locutor) que, sob a forma explicitada na teoria gramatical, explicam a criação de um conjunto *infinito* de frases, obtidas por transformação a partir de um conjunto relativamente restrito de frases abstratas mais "simples"⁴. Da mesma maneira, pediremos à nossa teoria que seja *produtiva*, isto é, que crie (formalmente) um conjunto infinito de textos a partir de um conjunto finito de regras e de elementos lexicais. A teoria aqui visada explicará uma *competência textual*, e é aqui que se esboça uma diferença essencial com relação à teoria de Chomsky. Esta teoria foi construída para gerar frases e não estruturas transfrásticas. Erroneamente, ao que parece. Para Katz e Fodor⁵ o texto é uma longa frase, cujas

3. *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Mass., The M.I.T.-Press, 1965, p. 15.

4. Daremos aqui o nome de "frase profunda" à seqüência sintagmática formalmente derivada na base da gramática (indicador sintagmático). Não aprofundamos aqui. Para maiores precisões, cf. N. Ruwet (*Introduction à la grammaire générative*, Paris, Plon, 2.^a ed. 1968) e Chomsky (*op. cit.*). A importância das "regras" para a produção dos textos já foi reconhecida por Barthes ("Introduction à l'analyse structurale du récit", *Communications*, 8, 1-27, 1966), que nos precede em muitos outros pontos mais.

5. "The Structure of a Semantic Theory", in *Language*, 39, 170-210, 1963. Consultar também Katz J. J. e Fodor J. A. *The Structure of Language, Readings in the Philosophy of Language*, Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall, Inc., 1964, p. 479-518.

proposições (representando as "frases profundas") estão pronominal e conjuncionalmente ligadas. Todavia, a gramática gerativa não está por enquanto capacitada a fornecer regras para a estruturação dessa "frase" (texto) : como determinar, por exemplo, a sua "coerência"?

É melhor considerar, inversamente, a frase como um texto (mínimo) . Desta maneira, uma teoria dos textos inclui a gramática (lingüística) da frase. Certos lingüistas transformacionistas, como Hendricks, Isenberg, Bellert, Petöfi, Sanders, Rieser, Ihwe, Drubig, Palek e outros, criticaram, aliás, a atenção exclusiva concedida à frase 6, optando por uma extensão da gramática, já preconizada por Harris 7, Hartmann e Harweg 8. Essas abordagens estruturalistas do texto permanecem, entretanto, limitadas ao plano superficial dos morfemas, à determinação das co-ocorrências sintagmáticas das "palavras" de um texto, manifestando-se em "lugares" formalmente equivalentes. Esta posição levou à elaboração de diferentes teorias de "acoplamentos" no texto (sobretudo poético) de Levin e de Jakobson 10. Para Harweg (*o p. cit.*) os únicos *estruturadores* "formais" do texto são constituídos pelos lexemas de tipo pronominal, não sendo formalizáveis os outros elos (semânticos, por exemplo) . Esta concepção limitada da gramática (que caracteriza igualmente os primeiros estágios da gramática: transformacional) só é posta de lado com a elaboração de uma semântica formal 11 capaz de explicar a estrutura de um texto e sua coerência semântica. Veremos que uma extensão "semântica" e "textual" da gramática gerativa implica uma distinção entre a estrutura "profunda" e a estrutura morfemática "superficial" do texto.

O que é salientado pelas teorias transformacionais não é apenas a produtividade da gramática: são sobretudo os conceitos estreitamente ligados de *teoria* e de *regra*, que adquiriram uma importância capital, fazendo jus à nossa atenção. Toda frase derivada (formalmente descrita) de acordo com as regras da teoria é dita "gramatical" — o que não quer dizer "aceitável" (ou "compreensível") , conceito que depende do desempenho e não da competência lingüística. Hoje em dia, a gramática gerativa distingue também os *graus de gramaticalidade* (de uma

6. Hendricks, W. O., "On the Notion 'Beyond the Sentence'," in *Linguistics*, 37, 12-51, 1967.

7. "Discourse Analysis" in *Language*, 28, 1-30, 1952.

8. *Pronomina und Textkonstitution*, Munique, Fink Verlag, 1968.

9. *Linguistic Structures in Poetry, Haia*, Mouton and Co., 1962.

10. "Poésija grammatiki i grammatika poésiji", in *Poetics. Poetika. Poetyka*, Polska Akademia Nauk, Mouton, 1961, p. 397-417.

11. Greimas, A. J. *Sémantique structurale, Recherche de méthode*, Larousse 1966.

frase) segundo o número e a importância das regras que foram infringidas, e isto com o intuito de corrigir a concepção inicial, por demais estrita, da gramaticalidade. Daqui por diante, as seqüências "desviantes" de morfemas podem ser caracterizadas pela analogia estrutural com as seqüências "bem formadas", criadas pela gramática.

Ora, é neste ponto que encontramos uma segunda insuficiência da gramática gerativa diante da teoria do texto a ser elaborada: os "desvios" gramaticais (fonológicos, sintáticos e sobretudo semânticos) não são aí descritos dentro de uma visão positiva; ela se limita a constatar as rupturas de regras, não buscando descobrir os mecanismos (as regras) lingüísticos que subentendem esses desvios. Uma das tarefas da teoria do texto literário consiste em isolar, não os "erros de gramática", e sim uma "gramática dos erros"¹². Observemos desde logo que isto constitui apenas um procedimento complementar, baseado em *regras admitidas da gramática "normal"*. Por outro lado, não é preciso dizer que o conceito de *gramaticalidade* deve estender-se, da mesma forma, às estruturas transfrásticas. Por conseguinte, as regras de uma teoria textual operam em dois níveis, que chamaremos aqui de *microestrutural* e de *macroestrutural*. As regras macroestruturais operam sobretudo em textos narrativos¹³ e, em menor proporção — sob o seu aspecto temático — em textos "poéticos" curtos, ao passo que as regras (complementares) microestruturais impõem-se sobretudo ao nível das "frases" do poema.

Já salientamos que as noções abstratas de "produtividade" (criatividade) e de "regra" se acham estreitamente ligadas. A regra não representa apenas, como acontece nas ciências naturais, o reflexo teórico de uma *regularidade* (isto é, a formulação hipotética de uma lei) constatada sobre esse objeto de conhecimento que é a infinidade dos textos: ela constitui ao mesmo tempo uma instrução para a produção derivativa a descrição formal dedutiva — contribuindo, por conseguinte, para o caráter algorítmico da criação dos textos. A regra possui também um aspecto "econômico", que reside em sua re-aplicabilidade: a operação por ela definida tem sempre possibilidade de ocorrer se as "entradas" permanecerem idênticas, assim como as condições especificadas. Sublinhemos que não existe nenhuma relação direta entre essa criação formal e a "criação" (escritura) / "interpretação" (leitura)

12. Van Dijk, T. A., "Des fautes de grammaire à la grammaire des fautes", in *Manteia*, 7, 29-36, 1969.

13. Van Dijk, T. A., "Metateoria del racconto", in *Strumenti Critici*, 12, 1970, p. 141-164. Para pormenores e dados bibliográficos sobre esta gramática textual, cf., do mesmo autor, *Some aspects of Text grammars*, Haia, Mouton (no prelo).

concreta do desempenho (determinada por parâmetros psicológicos e sociológicos) .

Fica comprovado que as relações entre as regras especificadas na gramática gerativa "normal" (partindo do conceito intuitivo de "discurso habitual" — para um *fluent native speaker*) e as regras complementares, sempre hipotéticas, formuladas por uma teoria do texto literário, são muito complexas. Determinam estas o tipo de produtividade lingüística (textual) a que se deu o nome de "rule changing", por oposição à produtividade que é "rule governed" da gramática ideal. Particularmente no plano microestrutural da frase, a regra complementar tanto pode modificar uma regra gramatical como assumir o lugar da mesma. Nos dois casos, temos pela frente *transformações* de regras. O conjunto das regras normais desempenha aqui a função de base axiomática relativamente constante. No plano do desempenho, diremos que o texto normal (como abstração idealizada e interiorizada) serve como quadro de referência lingüístico-psicológica. É com relação a estes conjuntos de hábitos e de expectativas (e neste ponto deveria intervir a teoria da informação) que operam os mecanismos *estilísticos* do texto literário. Como se sabe, esses mecanismos também são condicionados por fatores contextuais extralingüísticos (ambiente sociocultural, convívio com textos literários, etc.) .

II. Estrutura profunda e estrutura de superfície do texto

Aos conceitos fundamentais de teoria, de regra e de produtividade, devemos acrescentar agora outro par de noções realçadas pela gramática gerativa, e de suma importância para a teoria do texto: as noções de *estrutura profunda* e de *estrutura de superfície* (de uma frase) . As duas partes da gramática que tratam destes dois aspectos da frase são designadas respectivamente como a *base*, . que é a parte geradora e formadora propriamente dita, e a parte *transformacional*. Julgamos ser possível estabelecer para o texto uma distinção igualmente bem definida, o que já foi sugerido, de maneira mais ou menos implícita, por alguns estruturalistas, como Greimas, por exemplo. Depois de Julia Kristeva ¹⁴, que se inspirou, por sua vez, em Saumjan e Kurylowicz, podemos falar eventualmente em genotexto e em fenotexto. A fim de passar da estrutura profunda (abstrata) para a estrutura de superfície de uma frase, temos necessidade de *regras de transformação*, regras de que teremos de nos valer igualmente — e provavelmente de uma

14. "L'engendrement de la formule", **I**, in *Recherches pour une sémanalyse*. Col. "Tel Quel", 1969.

maneira mais ampla — para transformar a série de "frases simples" (séries terminais geradas pela base) num *texto superficial complexo*. A infinidade de combinações textuais que podem ser assim criadas é ainda mais acentuada que a do número de frases "possíveis" numa língua. Inútil dizer que essa diversidade, infinita, só é "controlável" (Barthes) quando se tenta determinar certo número de estruturas profundas abstratas (e de regras) a partir das quais são ou podem ser criados todos os textos de superfície. Observamos que a diferença entre o texto e a frase longa não passa de uma diferença de grau, sendo ambos produtos de uma (ou de várias) transformações ditas "generalizadas", que operam as diversas imbricações e encadeamentos das séries profundas numa única frase complexa de superfície.

A distinção teórica entre a estrutura profunda e a estrutura de superfície de um texto pode resolver muitos problemas tradicionais da teoria literária; particularmente os problemas de ordem estilística. Torna-se possível supor que uma mesma frase de superfície possua diversas frases subjacentes, isto é, diversas *interpretações formais e*, vice-versa, que uma mesma frase profunda possa se manifestar de diversas maneiras na superfície do texto, graças á transformações diferentes. Entretanto, ao contrário da gramática gerativa atual, devemos supor que o "sentido" das séries transformadas não permanece idêntico quando se produz sua "passagem" para a superfície. Não é só isto. São precisamente as diferenças 'microsemânticas que operam as variações estilísticas, pois toda supressão, toda substituição ou adição, modifica de uma maneira ou de outra a estrutura sêmica total das frases profundas. Essas modificações sêmicas, no texto não-literário ou nas macroestruturas de uma narrativa, por exemplo, podem ser descuráveis ou redundantes e, por conseguinte, eliminadas pela redução teórica constituída por toda a gramática.. É preciso notar que, para Chomsky ¹⁵, as alterações estilísticas não representam transformações propriamente ditas, dependendo porém de um nível el mais profundo ainda, talvez até do estágio do desempenho.

A noção de redundância (relativa) da superfície do texto acha-se implicada neste aspecto estilístico com a distinção entre estruturas profundas e superficiais. Como dissemos, esta superfície pode cobrir, com efeito, em toda a sua complexidade, uma estrutura profunda muito simples. Sendo complementar da redundância normal característica de todo texto de uma língua natural, a redundância **pode ser considerada como uma das bases formais de uma interpretação "estética"**, que é

15. Op. cit., p. 126.

apenas uma componente da *performance* receptora. Todas as formas de repetição: rimas, aliterações, acoplamentos, paralelismos, etc., dependem desta redundância (com relação aos textos "cotidianos"), redundância que, no texto "literário", pode entretanto se tornar funcional, isto é, significante.

Os modelos narrativos simples, postulados na base de grande número de narrativas populares por Propp, Lévi-Strauss, Greimas, Hymes, Bremond, etc., resultam de uma redução teórica que faz abstração das redundâncias. Observe-se mais uma vez que o sistema formal que subtende a frase não difere essencialmente do que está na base de um texto completo. Este fato fica particularmente bem ilustrado no sistema actancial de Propp-Greimas, no qual as categorias (funções) principais da narrativa "imitam" de certa forma as funções semântico-sintáticas da frase. Veremos que nos textos poéticos (líricos) que constituem nossa preocupação atual — lida-se mais freqüentemente com uma estrutura profunda de tipo paradigmático, constituindo um conjunto de categorias equipolentes (ou homologadas), binariamente estruturadas, nas quais a sintaxe é reduzida ao mínimo. A possibilidade formal de uma tipologia dos textos apresenta-se a partir dessas observações.

Dentro da mesma perspectiva da distinção entre um nível profundo e um nível superficial, levaremos em consideração, no plano lexical, a idéia básica para a análise dos textos, segundo a qual as mesmas estruturas sêmicas profundas projetam-se (de acordo com a língua, o idioleto, a escritura, o estilo) em vários lexemas diferentes ¹⁶. É este investimento, esta "cobertura léxica" que reflete o trabalho estilístico, vale dizer a escritura. É neste ponto que vemos a teoria (que produz e descreve regularidades) aproximar-se da interpretação (a leitura, a análise, a hermenêutica) ; aproximação que se orientará justamente para as diferenças idiossincrásicas do texto individual.

16. Esta idéia, aceita pela maioria dos trabalhos semânticos contemporâneos, pode ser encontrada em Katz ("Recent Issues in Semantic Theory", in *Foundations of Language*, 3, 1967), Weinreich ("Explorations in Semantic Theory" in *Current Trends in Linguistics*, Ed. by Thomas A. Sebeok, vol. III, Haia-Paris, Mouton, 1966), Gruber (*Functions of the Lexicon in Formal Descriptive Grammars*, Technical Memorandum, SDGCalifornia, 1967), McCawley ("Concerning the Base Component of a Transformational Grammar" in *Foundations of Language*, 4, 1968) e sobretudo em Greimas, que percebe de maneira muito mais acentuada as implicações estilísticas do investimento lexical. São muito diversos os termos utilizados para explicar esse processo de lexicalização: em primeiro lugar, associação, depois inserção e, em Gruber, "ligação", compreendida como uma lexicalização baseada em diversas categorias subjacentes ao mesmo tempo; ponto de vista

III. Introdução à construção de uma gramática gerativa do texto

No que ficou dito, procuramos colher alguns conceitos válidos na gramática gerativa, deixando ao mesmo tempo claro que o modelo oferecido atualmente por esta gramática nem sempre é adequado à descrição do texto (literário). Visando a atenuar as deficiências apontadas, pode-se *ampliar a gramática* em diversos pontos. Defrontávamos, a princípio, com a necessidade de falar em textos e não em frases, e de encontrar regras que os fundamentem, tanto no plano microestrutural como no plano macroestrutural, neles distinguindo finalmente um nível superficial e um nível abstrato profundo, interligados transformacionalmente. Fomos compelidos a precisar o conceito de grau de gramaticalidade, interpretando-o positivamente como um artifício formal para a tipologização do conjunto dos textos — com relação à "norma", formalmente, mas não psicológica nem sociologicamente, arbitrária da "gramática cotidiana". É neste ponto que devem ser formuladas as regras complementares indispensáveis à criação do texto literário.

A importância, hoje reconhecida, da semântica estrutural assim como gerativa, oferece-nos a possibilidade de observar mais de perto as propriedades formais de maior importância da estruturação do texto integral. Depois de precisar a semântica combinatorial ao nível da frase (temos em mente Katz, Weinreich, Gruber, Bierwisch) será portanto necessário elaborar um sistema de regras que possam justificar as estruturas semânticas macroestruturais.

Procuramos portanto aplicar os conceitos fundamentais colhidos numa teoria parcial do subconjunto de textos modernos. Uma teoria desta ordem, não é preciso dizer, deverá contribuir indiretamente para a descoberta dos "universais" do fenômeno literário.

Ao introduzir, no lugar da frase, o *texto* como objeto de conhecimento central para a teoria, será preciso, de acordo com as regras de reescritura da gramática gerativa, colocar à frente da derivação, isto é, da descrição formal de uma frase profunda, não o símbolo P (de acordo com a notação francesa de Ruwet¹⁷, S em inglês), mas sim o símbolo T

situado a meio caminho entre a categorização cruzada de Chomsky (*op. cit.*) e a hierarquia entre os semas, já reconhecida em Katz e Fodor (*op. cit.*).

17. Ruwet (*op. cit.*) propõe: *P* para "frase", *SN* para "sintagma nominal", *SPred* para "sintagma predicativo", *V* para "verbo", *Aux* para "verbo auxiliar", *N* para "Nome", etc. Conjecturamos se não seria melhor instituir uma escritura internacional, acompanhando o simbolismo inglês por exemplo (# indica o início e o fechamento do texto, ou da frase).

(para Texto) . Ora, afirma-se que é possível reescrever esse texto, coma primeira providência teórica, à maneira de *conjunto de frases* (abstratas, evidentemente) — conjunto ordenado como veremos:

$$\# T \# \rightarrow P_1, P_2, \dots P_n \quad (1)$$

Após alguns retoques, o modelo da gramática gerativa pode servir então para reescrever as diferentes frases consecutivas do texto — vale dizer, das séries abstratas que constituem a sua estrutura profunda. Todavia, (1) está longe de ser adequado, considerando-se que o texto não constitui uma soma qualquer, uma justaposição de frases discretas. Como entre os morfemas de uma frase, existem laços estruturais entre as frases do texto, tanto na estrutura profunda como na superfície.

No plano microestrutural, o da frase, verifica-se desde já que, na gramática "lingüística", as frases diferentes possuem estruturas profundas parcialmente análogas: a maioria, como se sabe, pode ser reescrita da seguinte maneira:

$$\# P \# \rightarrow SN SPred \quad (2)$$

e assim por diante, pelo menos para as categorias principais. A expansão descritiva à direita da flecha pode caracterizar *recursivamente as* ' outras frases do texto; vale dizer que é possível fazer economia das derivações idênticas ou parcialmente idênticas. Eventualmente, a notação desta regra poderia ser feita como uma operação sobre um conjunto, ou uma "somatória" de frases:

$$\# \sum_n P_n \# \rightarrow \sum_n (SN S_{Pred})_n \quad (3)$$

ou, mais simplesmente, para toda e qualquer frase do texto, assim como para toda e qualquer frase do *Texto Infinito*, que é a Língua:

$$\# P_i \# \rightarrow SN S_{Pred} \quad (4)$$

Provavelmente, seria possível passar a utilizar notações da lógica simbólica, introduzindo, por exemplo, em (4), operadores de quantificação . (universal) . "Descendo" na derivação será preciso provavelmente desistir de querer subsumir a estrutura das frases numa única regra, pois encontram-se então justamente *diferenças* estruturais frequentemente características das frases de um texto literário. Temos em mente sobretudo os textos narrativos que, de uma maneira ou de outra, acompanham *grosso modo as* regras de reescritura "normais da gramática.

A reescritura "normal" é bloqueada desde o início quando falta uma das categorias principais. Neste caso, pode-se estabelecer uma regra *ad hoc* -- susceptível de certa generalidade para o subconjunto textual, constituído pela poesia moderna, por exemplo. Assinalaremos uma "regra desviante" -- que poderá ser designada como poética — por um asterisco depois da seta, significando que a operação é admitida nesse tipo de texto:

$$P \rightarrow * SN \quad (5)$$

Sublinhemos desde já que essa regra é sempre *opcional*. Uma regra "normal" como (4) continua "poética" num texto poético; (5) não constitui nem uma condição necessária, nem uma condição suficiente para a poeticidade do texto todo, já que ela poderia representar, no plano do desempenho, um reflexo de um simples erro de gramática ou de uma elipse habitual. A regra apresentada em (5) é uma maneira direta de assinalar certas estruturas de frase do texto literário, isto é, que ela parece *substituir* (4) . Podemos também proceder de outra maneira e supor que a categoria ausente (SPred) é provisoriamente catalisada no texto, o que constitui uma operação interpretativa muito corrente, considerando-se que as regras normais são interiorizadas pelo leitor. No estágio seguinte, a categoria catalisada pode ficar' suprimida numa regra que possui o caráter de uma transformação (de supressão) :

$$P \rightarrow SN \text{ Spred} \quad (6)$$

$$\text{SPred} \rightarrow * \phi$$

Nesse caso, a transformação seria produzida quase na superfície do texto. 1; também por este motivo que muitos lingüistas consideram essas regras como fenômenos relacionados com a *performance*. A simplicidade — quando não a evidência intuitiva - leva-nos a supor, entretanto, que essas operações ficam situadas mais abaixo na estrutura profunda da frase ¹⁸.

Por conseguinte, o 'texto estrutura-se, em primeiro lugar, ao nível da frase, vale dizer que ele repróduzirá modelos. sintagmáticos idênticos (ou análogos) — por vezes até de maneira particularmente manifesta — sobretudo em certo tipo de textos poéticos (líricos: litanias) baseados em paralelismos. Contudo, muito mais importante para a (ma-

18. Caso contrário, seria preciso introduzir, na seqüência pré-terminal da derivação, um lexema "fictício" (postição), para o Verbo por exemplo, suprimindo em seguida esse lexema numa transformação. Isto resulta, com efeito, de uma *performance* interpretativa, que pode ser qualificada de "superinterpretação".

cro)estrutura do texto é o conjunto de relações entre as frases constitutivas, fato banal que, na apercepção, leva-nos a conceder esse conjunto como um todo coerente, como um *texto* (*textus*, tecido) .

Antes de proceder a uma formulação despretensiosa dessas formulações interfrásticas, será conveniente tomar um exemplo concreto, a fim de verificar nossas hipóteses. O texto (poético) escolhido constitui a abertura de uma coletânea particularmente bem estruturada, onde o pensamento teórico associa-se a um trabalho textual aprofundado: referimo-nos a E de Jacques Roubaud (Gallimard, 1966), coletânea cujo primeiro parágrafo também se intitula E . As informações paratextuais — as glosas — de Roubaud, e o próprio texto, mostram-nos que este último procura formular sua própria teoria ("poética imanente"; característica de muitos textos modernos, cf. *Nombres*, de Sollers¹⁹).

Em virtude de seu título explícito, a coletânea pode ser concebida — numa interpretação globalista da semiótica — como um elemento pertencente a um conjunto mais amplo de textos literários (Literatura) . Este elemento, por sua vez, um conjunto de textos (propriamente ditos) . O primeiro texto (o que nos vai interessar) é explicitamente denominado "soneto em prosa" e, de acordo com a *disposição* desse parágrafo, constitui o primeiro "verso" de um soneto de sonetos. Este *jogo* de imbricações não é apenas um reflexo estrutural do *jogo* japonês de GO (sobre o qual é modelada a coletânea), mas também o *jogo*, que constituem, no sentido wittgensteiniano, a Língua e a teoria da Língua, com seus elementos lexicais (peões) e suas regras. Parece infinito o jogo das dependências: (semas, femas, syntaxemas) E (morfemas/lexemas) E sintagma E frases simples, proposições E frases, versos E parágrafo, estrofes E textos, poemas Texto, Literatura E práticas significantes, e assim por diante. Aqui vai o texto:

1.1.1. 0

GO 115

*"Je ne vois plus le soleil ni l'eau ni l'herbe m'étant emprisonné
où nul matin n'a de domaine si dans le cube pur de la nuit je
distingue d'autres branchages que sur l'arbre des pensées je les
chasse je les cache*

*n'ont de place que les lampes la division du clair au sombre au
devant de moi coupant le visible le peu de monde matériellement
étendu à plat oui devant moi accessible partout à mes mains*

19. Cf., por exemplo, nos textos que acompanham a lexicalização desta teoria: "abrigo dos signos", "construção à maneira de uma árvore abstrata que se ramifica". Vê-se surgir aqui a semiótica e, ao mesmo tempo, a gramática gerativa.

car tous objets d'ici disparus j'ai suscité soleil pour soleil eau pour eau j'ai fait traverser des monceaux d'opaque à des soleillements d'ailleurs o soleils en qui j'ai confiance

à quel point vous êtes moi je peux vous montrer à tous dire couleur des bois orange dire rouge et être cru soleils réveillés sur ma langue soleils alentdur-averses"

[Já não vejo nem o sol nem a água nem a erva tendo-me aprisionado onde não tem domínio manhã alguma se no puro cubo da noite distingo outras ramagens que sobre a árvore dos pensamentos as expulso as oculto // só têm lugar as lâmpadas a divisão do claro para o escuro à minha frente cortando o visível o pouco mundo materialmente estendido de rojo sim à minha frente por toda parte acessível às minhas mãos // pois todos os objetos daqui desaparecidos eu suscitei sol por sol água por água fiz atravessar amontoados de opaco por ensolamentos de alhures ó sóis em que confio // até que ponto sois eu posso vos mostrar a todos dizer cor dos bosques laranja dizer vermelho e ser acreditado sóis despertados sobre minha língua sóis em torno-chuvaradas]

IV. O estruturador textual

Tentemos levar avante nossas reflexões teóricas, referindo-nos a este texto de Roubaud. Tal como para a frase em lingüística, teremos de descobrir, como vimos, *regras textuais* susceptíveis de estruturar o conjunto de signos, cujas representações gráficas concretas encontramos na página branca do livro. Por conseguinte, a regra de reescritura inicial deverá --- na teoria dos textos -- especificar que é somente em determinadas condições que se pode reescrever T como um conjunto de frases, pois ao contrário todo conjunto (estocástico) de frases não constitui necessariamente um texto. Esta condição primordial da *coerência estrutural* do texto pode ter como notação um símbolo complexo S (estruturador) seguido de uma barra oblíqua:

$$\# T \# \rightarrow S / P_1, P_2, \dots P_n \quad (7)$$

Tendo em vista que este estruturador geral (pré-determinando o texto todo) pode teoricamente operar sobre os três níveis do texto: fônico, sêmico, sintático, é possível explicitar igualmente os seus componentes ou subestruturadores:

$$S \rightarrow \begin{matrix} S_f \\ S_{sem} \\ S_{sint} \end{matrix} \quad (8)$$

Esses componentes podem operar juntos ou isoladamente. O campo de operação desses estruturadores gerais é o macrocontexto, não se

limitando portanto a uma única frase, pois a tarefa do estruturador consiste justamente em definir de maneira formal as relações entre as frases do texto.

O que não significa que o texto poético desconheça condições (coerções suplementares) - microcontextuais. Neste caso, basta fazer com que a descrição derivativa da frase seja antecedida por um estruturador "local" e particular:

$$P \rightarrow S' / SN SPred \quad (9)$$

Esse estruturador, por sua vez, tem três componentes. Os diferentes *tipos* desses micro e macroestruturadores (e de seus componentes) também podem ser indicados em S por símbolos que representem as operações de repetição, redistribuição, supressão, adição, etc. Percebe-se, com efeito, que S pode ser considerado como um componente transformacional da derivação do texto poético. No plano microestrutural, podemos esperar encontrar ao lado de S' a marca "*" a indicar a presença de regras complementares "desviantes". Um S' isolado, repetimos, indica que encontramos condições contextuais complementares; estas condições são "não-agramaticais" ou redundantes, e produzem seqüências com características não-funcionais num texto "cotidiano".

Tomemos um exemplo microestrutural no texto de Roubaud. Na primeira "estrofe" encontramos: "*si dans le cube pur de la nuit je distingue ...*" ou seja uma repetição (a) das vogais idênticas [y] [i] (b) . em i e u, grupos de femas idênticos como: /vogal/ fechada/ aguda/. Transparece portanto, que S'_f consiste num certo número de traços pertinentes, isolados ou agrupados em fonemas (ou . grupos de fonemas) inteiros:

$$S'_f \rightarrow \begin{array}{l} \text{vogal} \\ \text{fechada} \\ \text{aguda} \\ \text{(arredondada)} \\ \text{(não-arredondada)} \end{array} \quad (10)$$

Esta regra pré-determina (limita) a escolha de elementos lexicais que devem ser inseridos na estrutura sintagmática da seqüência pré-terminal da derivação, funcionando por conseguinte, de certa forma, como um filtro. O tipo de operação (assonância) pode ser indicado por CORR (por correlação) e IDENT (por identidade — dos elementos correlatados) . Aliás, não é improvável que no texto de Roubaud S'_f deva inscrever-se mais abaixo (se não toda a frase teria vogais [i] e [y]) numa regra que precede a seqüência terminal:

...	→	Prep SN	
SN	→	S' _f / N Adj	(11)
N	→	<i>cube</i>	
Adj	→	<i>pur</i>	

Essa escritura deve ser repetida' quando vários sintagmas participam da assonância. S'_f pode ser então ligado a um núcleo dominante. Será então estabelecida convencionalmente a regra segundo a qual o estruturador fônico/gráfico exige que a operação se produza pelo menos uma vez.

Deve ficar claro que se farão necessárias numerosas precisões teóricas, nesta tentativa de criação (ainda altamente especulativa) de certas "figuras" poéticas. É preciso cuidar, por exemplo, de não confundir derivação (produção) formal e escritura real do texto, que depende da performance. Em seguida, é preciso sublinhar o caráter opcional (se não *ad hoc*) de todas essas regras.

A frase seguinte do texto de Roubaud mostra que S'_f pode ser ainda mais complexo. Deverão ser indicados muitos outros traços e instruções prévias. Podemos isolar uma aliteração dupla, de par com uma assonância que obedece além disso a coerções de paralelismo, e de quiasma:

branchages qui sur l'arche des pensées je les
chasse je les cache

Essas condições suplementares, que determinam a derivação no estágio de lexicalização, possuem, evidentemente, no plano do desempenho, implicações estilísticas que a teoria da informação pode eventualmente delimitar de maneira mais estrita. É inútil acrescentar que a derivação formal propriamente dita não leva em conta as probabilidades 20.

20. Todas essas condições contextuais, que predeterminam a inserção lexical, ferem evidentemente as leis da distribuição média das consoantes e dai ' vogais num texto: observa-se que a *ordem* imposta aos sinais gráficos é mais coercitiva que a ordem exigida pela fonologia "normal" da Língua. Teoricamente, dir-se-á que, constatando o decréscimo do grau de desordem, a informação passa a ser mais fraca do que na frase "normal". Para o leitor, entretanto, e para sua competência, uma repetição (significativa) constitui um desvio de sua expectativa "média", o que confere uma informação (não-lingüística) mais elevada a estruturas fônicas/gráficas superordenadas (que será dita informação "inversa"). O que concorda, intuitivamente, com a coerção que acompanha, na escritura, a seleção de lexemas que possuem fonemas repetidos: para criar a assonância *cube pur* é mister selecionar depois de *cube* não somente uma categoria Adj. mas

Passando para o plano macroestrutural, observamos que o componente fônico/gráfico do estruturador geral também não deixa de exercer sua influência sobre todo o texto poético, sobretudo quanto aos aspectos gráficos do texto. A própria coletânea oferece, discursivamente, uma explicitação desta disposição. Para este texto concreto, pode-se construir uma regra que opere sobre um elemento posição, a fim de criar o "branco" (marginal, de cima ou de baixo), acrescentando, por exemplo, o símbolo S_f que deve terminar a linha. Na poesia clássica, esse símbolo coincide com S_f , criando a rima (o esquema das rimas) do texto. Uma barra dupla // indicará que a estrofe chegou ao fim, devendo-se seguir uma ou diversas linhas em branco. O final do texto todo será então marcado por: // # .

Um dos problemas suscitados pela criação dos textos poéticos (sobretudo clássicos, mas também pelos de Roubaud) é constituído pela *estruturação numérica*, considerando-se que as regras da língua cotidiana desconhecem esse aspecto puramente *métrico*. Verifica-se, por conseguinte, que a programação do texto simbolizada por S-geral aparentemente não pode dispensar determinadas indicações de "números"²¹. Quanto ao soneto de Roubaud, a parte de S que determina a forma gráfica poderia ser descrita mais ou menos assim:

$$S_{\text{graf}} \rightarrow // 4_2, 3_2 // \dots \quad (12)$$

onde as barras oblíquas indicam que se trata do número de linhas. Os índices colocados abaixo dos números significam quantas vezes um grupo de 4 versos ou de 3 versos deve ser repetido. Para um soneto clássico seria preciso acrescentar ainda)(12)(indicando que essas linhas-versos são constituídas de 12 sílabas.

No texto de Roubaud, o S_{graf} também se manifesta no plano da escritura e da pontuação, suprimindo as maiúsculas e colocando espaços brancos no lugar de todos os sinais de pontuação. Em ambos os casos, podemos falar em transformações de substituição. A ausência de pontuação e de maiúsculas pode significar que foi abolido o fechamento (tradicional) da frase, o que reflete não somente a teoria globalista

também um adjetivo que contenha uma vogal determinada. O número de "passos de seleção" nesse alfabeto, que é o léxico, é mais elevado e, conseqüentemente, também o é a informação resultante. Observemos, entretanto, que, neste caso, podem ser suprimidas outras coerções (sêmicas, como em Roubaud).

21. Cf. sobretudo J. Kristeva ("L'engendrement de la formule", I, in *Tel Quel*, 37, 1969), referindo-se justamente a *Nombres* de Sollers, que também procura criar, de maneira por vezes análoga, a *fórmula* do texto.

implicada na coletânea, como também, provavelmente, a concepção de que o texto constitui um todo, pelo menos superficialmente. Certas ambigüidades funcionais podem ser resultantes dessa imbricação escritural das "frases".

Pode permanecer despretensiosa a análise do componente *sintático* de S-geral: já nos referimos a ela. Verificou-se que a gramática prevê, em princípio, como para toda frase da língua, modelos sintagmáticos para as frases do texto. No estágio interpretativo do desempenho, poderíamos explicar esta "regularidade" como uma das condições para a "compreensão" do texto, tendo em vista que o sentido de um elemento baseia-se em sua recorrência. Assim que se rompe esta regularidade (previsível), assiste-se à produção de informação, como acontece com toda inovação concreta.

Pode-se constatar que S_{sint} é menos importante para a estruturação do texto todo. Situa-se sobretudo ao nível da frase, onde representa o conjunto das operações gramaticais admissíveis na descrição derivativa. A pretensa sintaxe do texto constitui, na realidade, um aspecto de sua estruturação semântica. Num certo sentido, evidentemente, toda estruturação tem um caráter sintático. Isto fica particularmente claro, como vimos, nos textos narrativos, cuja estrutura sintagmática (que é sêmica) imita a estrutura da frase.

O estruturador sintático opera, por conseguinte, sobretudo ao nível da frase do texto poético. É neste ponto que vemos produzirem-se operações já descritas por Jakobson²², Levin²³, Koch²⁴, etc.: paralelismo entre frases contíguas — o que pode representar um fato de macrocontexto -- acoplamentos, repetições morfemáticas, co-ocorrências, etc. Esses paralelismos do texto poético moderno são muito frequentes (e parecem substituir as estruturas métricas tradicionais). Assim, em Roubaud; *je le chasse / je les cache*, onde, na primeira estrofe, uma modalidade negativa, ou que pode ser considerada como um sema frástico, estrutura os lexemas:

Je ne vois plus le soleil
ni l'herbe
ni l'eau
nul matin
n'a de domaine

22. Op. cit.

23. Op. cit.

24. *Recurrence and a Three-Modal Approach to Poetry*, La Haye, Mouton and Co., 1966.

Na interpretação, esses paralelismos podem ser percebidos como equivalências, de acordo com o teorema de Jakobson. A operação de tipo correlativo nessa estrofe pode.. ser simbolizada por uma reescritura (parcial) de S_{sint},ot:

$$S_{\text{sint}} \rightarrow \text{NEG} / \text{SN } S_{\text{pred}} \quad (13)$$

Todavia, não é evidente que NÈG seja um elemento puramente sintático, tendo em vista sobretudo que a oposição com *si* (2.ª linha) e *ne ... que*, que lexicaliza uma modalidade afirmativa (AFF) leva a pensar numa categoria modal de caráter antes semântico. Assim, a gramática gerativa atual dá origem a elementos modais, como a negação, já ao nível da base. Aliás, sintaxe e semântica interpretam-se mutuamente, sobretudo na base mais profunda da gramática.

Quanto ao plano sintático puramente microestrutural, já nos foi possível constatar que 'o tipo de texto, marcado desde o início por uma marca "modal" (/Poética/) pode desencadear opcionalmente regras marcadas por "*", isto é, regras que transformaram ou substituíram uma regra sintagmática normal, como em (5) . Temos um exemplo na última estrofe de Roubaud:

- a) *soleils réveillés sur ma langue* (14)
 b) *soleils alentour-averses*

Em (14 a) encontramos, com a ressalva da supressão do artigo, admitida numa alocação, a transformação — por supressão — do auxiliar no sintagma verbal:

$$\begin{aligned} P &\rightarrow \text{SN } S_{\text{pred}} \\ S_{\text{pred}} &\rightarrow \text{Aux } V_{\text{pp}} \quad (V_{\text{pp}} = \text{Verbo-particípio passado}) \\ \text{Aux} &\rightarrow * \quad \varphi \end{aligned} \quad (15)$$

Observemos que existem aqui diversas interpretações possíveis, vale dizer, que podem ser construídas várias frases subjacentes. *Soleils* (em 14 a) pode ser considerado como objeto direto (SV SN) de uma frase (suprimida na transformação) seguida de uma relativa. A analogia com a frase *car tous objets d'ici disparus*, na estrofe anterior, leva entretanto a optar pela supressão de Aux, tanto mais que encontramos com muita frequência no texto poético moderno a supressão de S_{tea}, de SV, de V, ou de um de seus elementos. A eliminação de Aux poderia ser considerada como uma variável mitigada desta operação. Possui esta última, aliás, uma propriedade que não se limita às transformações sintáticas, propriedade esta que pode ser traduzida pelo conceito de *contiguidade* (princípio que, como se sabe, determina as

operações sêmicas responsáveis pelas combinações metonímicas _ e sine-dóquicas); aqui, um sintagma inteiro pode ser representado somente por uma de suas categorias constituintes. Normalmente, a categoria mantida neste gênero de operações será a categoria principal, isto é, a que domina um elemento posição não puramente gramatical, tendo um conteúdo sêmico (uma "intenção") relativamente importante.

Mais raramente que as transformações de supressão, encontramos — no texto poético francês -- redistribuições, como em *car tous objets d'ici disparus*.

Um aspecto importante do componente sintático geral S_{sint} a imbricar-se na semântica é o *encadeamento* (linear) das frases, com o auxílio particularmente de pronomes, advérbios e conjunções. Harweg ²⁵, em seguida a outros, sustenta ser esta a única manifestação "formal" da coerência de um texto; são os pronomes, diz ele, que constituem o texto como tal. Essa concepção estritamente morfemática também se encontra na gramática gerativa, com relação às condições da supressão depois de uma inserção ou de uma adição (de uma relativa, por exemplo) . Assinala-se tão-somente a identidade (semântica, referencial?) do pronome e de seu antecedente. Limitar-nos-emos aqui a salientar que o texto poético moderno, em contraposição, por exemplo, ao texto narrativo tradicional, é extremamente parcimonioso com relação aos pronomes e, sobretudo, às conjunções de tipo lógico (causa, consequência), substituindo-os pelo signo zero da parataxe. A coerência do texto poético fica assim ainda mais fortemente associada à sua estrutura semântica. No texto de Roubaud, observa-se a este respeito uma diferença estilística importante entre a primeira estrofe e as demais: na primeira estrofe, vemos manifestarem-se na superfície semas modais (ou lógicos) : "causalidade" (no particípio presente), "localidade" (où), "negatividade" (*ne-pas, ni*), "afirmatividade" (*ne-que*), "comparatividade" (*autre-que*) e "causalidade" (*car*, início da 3.^a estrofe), todos eles lexemas conectores ausentes no resto do texto, estruturado parataxicamente. Parece indispensável uma análise do nível semântico, para determinar a coerência, a textualidade (= gramaticalidade) do texto.

V. A estruturação do nível semântico do texto

Um dos problemas mais sérios diante dos quais se vê colocada a teoria do texto é a ausência quase total de uma semântica macroestrutural

25. Op. cit.

(transfrástica) formal. São apenas os desenvolvimentos mais recentes no campo da semântica combinatorial (e lingüística: atendo-se freqüentemente à frase) sobretudo em seus aspectos de análise "componencial", que permitem esperar a extensão da descrição semântica às estruturas textuais. Em contraposição, -- e como complemento à descrição morfemática de Harris, de Harweg e outros representantes da *discourse analysis* — encontram-se as tentativas de Greimas e dos semanticistas gerativistas: Katz, Weinreich, Gruber, McCawley, Fillmore, Lakoff, etc. Todavia, somente Greimas (e todos aqueles que nele se inspiraram) tentou explicitamente integrar a sua semântica à análise do texto (literário ou outro) : seus modelos actanciais o comprovam. Um dos conceitos fundamentais dessa descrição semântica dos textos inteiros, o da *isotopia*, baseia-se numa recorrência hierárquica de (clas-) semas. Interpretando esses fatos em nossa abordagem gerativa, é possível supor que o estruturador semântico geral S. consiste numa configuração de traços elementares da significação (semas ou classemas, de acordo com Greimas, *semantic markers* ou *semantic features*, segundo a terminologia americana) . Lembremos que o sema é o constituinte fundamental na estrutura profunda da frase. Poderíamos eventualmente afirmar, contrariando os gerativistas, (sobretudo Chomsky ²⁶) que *todos* os constituintes elementares possuem um caráter sêmico (até mesmo as categorias sintáticas), não constituindo subcategorizações exclusivamente sintáticas. Na realidade, como diz Gruber ²⁷, a distinção . entre sintaxe e semântica nessas profundidades deixa de ser pertinente. Todos esses traços elementares geram de certa forma o lexema, quer matricialmente, quer segundo uma derivação de tipo hierárquico e/ou segundo o princípio de ligação policategorial, como em Gruber ²⁸. Em todo caso, no léxico, o lexema é triplicemente caracterizado: por semas, por femas e por traços de seleção sintáticos ²⁹.

Ora, os semas (ou classemas) que se repetem de uma maneira significativoativa (conceito *intuitivo* a ser substituído ulteriormente) num texto, podem estruturar esse texto de uma maneira particular.; serão denominados *semas temáticos* ou, mais sucintamente, *temas*: são elementos abstratos, constituindo uma temática abstrata na estrutura profunda do texto. E neste ponto que se encontra a dimensão estilística

26. Op. cit.

27. *Studies in Lexical Relations*, Diss. M.I.T. mimeografado, 1965; e op.cit., 1967.

28. Op cit.

29. Cf. Van Dijk, op cit.

da distinção estabelecida entre a superfície e a estrutura profunda do texto: um tema pode-se estabelecer, por recorrência sêmica, sem se manifestar lexicamente na superfície, vale dizer: investindo-se em vários lexemas diferentes (que sempre comportam outros semas ao mesmo tempo) ; ao passo que, inversamente, vários temas podem-se manifestar num único lexema. Um exemplo em Roubaud: *division/coupant* e (ausência de) *soleil/opaque*. O texto poético parece preferir, de um modo geral, uma estruturação equivalente de seus semas, estabelecendo uma série de semas homologados e muitas vezes equilibrados por seus semas opostos da mesma categoria ³⁰. Em Roubaud, encontramos sobretudo a oposição entre o *branco* e o *negro* (oposição temática funcional com relação aos peões do jogo de GO), por conseguinte, entre "luminosidade" (ou "brancura") e "obscuridade". O início da derivação deste texto tornará precisa, em Ssem, esta primeira linha temática -- que é ao mesmo tempo um constituinte da isotopia geral do texto:

$$\begin{array}{rcc}
 & \text{luminosidade vs obscuridade /} & \\
 S_{\text{sem}} \rightarrow & \begin{array}{c} \vdots \\ \vdots \\ \vdots \end{array} & / \\
 & & (16)
 \end{array}$$

Esta regra constitui uma condição opcional suplementar para a inserção lexical, marcando por conseguinte a sua influência sobretudo na reescritura terminal, isto é, antes da inserção dos lexemas. Em Roubaud, a lexicalização é a seguinte: (ausência de) *soleil*, (ausência de) *matin*, *sombre*, *opaque* de um lado e de *lampes*, *clair*, *soleil*, *soleillements*, do outro. Da mesma maneira, serão estabelecidas as seguintes categorias sêmicas reiteradas (e portanto temáticas) : "ausência" vs "presença" correlatada com "fechamento" ("encerramento", "separação") vs "abertura" em *emprisonné*, *cube/chasse*, *montrer*, *susciter*, *réveiller*.

A descoberta de certo número de semas ou de categorias idênticas num texto representa apenas a *condição mínima* para a existência de uma isotopia. Na verdade, para muitos textos poéticos modernos, esta condição é freqüentemente a única preenchida, mas, de um modo geral, essa classificação de semas e dos lexemas que os manifestam na superfície não bastaria para estabelecer a verdadeira coerência de um texto. Possui este igualmente, sobretudo em suas estruturas narrativas, uma lógica e certa progressão. Carecemos, por conseguinte, de uma sintaxe desses elementos sêmicos e classemáticos, não apenas ao nível da estru-

30. Van Dijk T. A., "Sémantique structurale et analyse thematique", in *Língua*, 23, 28-53, 1969.

tura frástica, mas sobretudo ao nível do texto inteiro. A maneira segundo a qual esta sintaxe se atualiza constitui, no entanto, um critério da tipologia dos textos. O texto poético (moderno) possui, em certo sentido, uma *sintaxe sêmica zero* e estabelece simples paradigmas (binariamente estruturados) equivalentes, sem diferenciação funcional (além da oposição) . O encadeamento do texto linear (sintagmático) , em compensação, característico do texto clássico, obedece a um esquema lógico, que pode ser traduzido da seguinte maneira:

$$((((A)P_1) P_2) P_3) P_4 \dots \quad (17)$$

onde um-primeiro argumento e um primeiro predicado (ou modificado e modificante)³¹ se transformam em "argumento" para outros predicados ... Inútil acrescentar que, gramaticalmente, o argumento também pode ser constituído por constituintes de um sintagma funcional (inclusive pelos semas) . Está dependência de frases subseqüentes do conjunto de argumentos das frases precedentes realiza-se, no texto poético moderno, sobretudo ao nível sêmico profundo.

A semântica à . curta distância, desses encadeamentos admissíveis entre as frases, suscita problemas quase insolúveis para a formalização. Alguns trabalhos recentes³² insistiram sobre o fato de que a idéia tradicional -- que impediu o desenvolvimento da semântica — segundo a qual os sentidos da palavra se imbricam, conceitualmente, em seus aspectos referenciais e perceptuais, não é totalmente errônea. A semântica combinatorial continuará dificilmente formalizável, enquanto nosso conhecimento do mundo estiver implicado nas compatibilidades dos lexemas. Ao lado desses filtros culturais, deverão ser considerados as implicações e pressuposições (lógicas e referenciais) de cada lexema ou frase amalgamada de semas. Seja como for, a semântica não pode fugir a estabelecer as bases sêmicas dessas compatibilidades frásticas e textuais. Procuremos, portanto, formular cautelosamente algumas regras provisórias, que condicionem o encadeamento e a isotopia num texto.

Pode-se afirmar, em primeiro lugar, que duas frases P_1 e P_2 - são semanticamente compatíveis quando, e somente quando, P_2 contém pelo menos um classema ou sema já presente no conjunto amalgamado dos semas de P_1 . Esta identidade pode ser lexematizada na superfície ou suprimida na transformação: por conseguinte, a coerência resulta

31. Cf. J. Kristeva, *op. cit.*

32. Cf. . James McCawley, *op. cit.*, e M. Bierwisch "On certain Problems of Semantic Representations" in *Foundations of Language*, 5, 1969.

sempre da estrutura profunda. Cf. as três primeiras frases da representação (interpretação) profunda do texto de Roubaud:

Je ne vois plus le soleil
Je ne vois plus l'eau
Je ne vois plus l'herbe

onde a identidade dos primeiros sintagmas (suprimidos) é manifestada na superfície por *ni*. Aliás, o elo sêmico entre as frases é confirmado por uma equivalência (fundamentada no sema "natureza") dos três lexemas nominais.

O tipo sintagmático do encadeamento pode ser qualificado de "paralelo":

$$\begin{array}{l} P_1 \rightarrow XY \\ P_2 \rightarrow XZ \\ P_3 \rightarrow XV \end{array} \quad (18)$$

O que é modificado, portanto, é SN₂ (do sintagma predicativo) . A identidade lexemática encontra-se na base das transformações por inserção, e de todas as outras operações de expansão sintática, ao passo que a identidade lexemática (ou melhor, na frase concreta, semêmica) e/ou sêmica determina tanto esta expansão sintática quanto a *expansão* (*mais importante, implicando o texto inteiro*) *semântica*.

O encadeamento (*semântico-sintático*) é "inverso" quando os dois lexemas l₁ e l₂ fazem parte de sintagmas com funções diferentes em P₁ e P₂ respectivamente. Exemplo em Roubaud: *je distingue d'autres branchages... je les chasse (je les cache)*, baseando-se no seguinte modelo :

$$\begin{array}{l} P_1 \text{ --- } + XY \\ P_2 \text{ -- } > YZ \end{array} \quad (19)$$

O encadeamento é "descontínuo" quando entre P₁ e P_{2f} possuindo lexemas idênticos (na estrutura profunda, isto é, pronomes, etc. na superfície para l₂) ou configurações sêmicas idênticas, inserem-se uma ou várias frases que não apresentam laços sintático-semânticos nem com P₁ nem com P₂.

Quando existe ruptura sêmica entre P₁ e P₂ (sucessivos), para atender às necessidades da interpretação, pode-se intercalar uma frase (fictícia) P. implicada em (ou pressuposta por) P₁ ou P₂:

$$\begin{array}{l} P_1 \rightarrow XY \\ \quad \quad \quad \leftarrow P_x \rightarrow (Z U) (Y U) \\ P_3 \rightarrow ZV \end{array} \quad (20).$$

Encontra-se este tipo de estruturas intercaladas sobretudo na narrativa, mas observamos um encadeamento indireto deste gênero na última estrofe de Roubaud: *je peux vous montrer à tous dire couleur...*, onde a catálise de um sema "possibilidade" — decorrente de *peut* — leva a interpretar *je peux dire...* (eu posso dizer) ou *eu estou apto a falar em NATUREZA (ou MUNDO)*, interpretação sêmicamente compatível com a frase seguinte: *soleils réveillés sur ma langue*. "Falar" e "dizer" são assim homologados com "fazer nascer" ou "criar" (verbalmente), isto é: "escrever". O paralelismo entre *je distingue* — SN, *j'ai suscité* — SN, *je peux montrer* — SN e *j'ai réveillé* — SN, estrutura no plano semântico-sintático este texto de Roubaud, sugerindo ao mesmo tempo uma interpretação quando se verifica que, em todos os casos, SN deve ser reescrito como nomes da categoria NATUREZA. Outras frases, com estrutura sintática diferente, confirmam esta interpretação: *le peu de MONDE étendu... devant moi*.

Desta maneira, já alcançamos o plano semântico macroestrutural do estabelecimento de uma linha, de um fio isotópico. A organização dessas isotopias num texto é extremamente complexa, sobretudo nos textos narrativos. Da mesma forma, as isotopias são muitas vezes hierarquicamente estruturadas, isto é, uma pode incluir a outra. Essas relações, de natureza sêmica e classemática, deverão ser estabelecidas de acordo com as relações de dominância nos eixos de derivação lexical. Um sema ligado a um ponto nodal superior (digamos "animado") é automaticamente implicado, segundo as regras convencionais do léxico, por um sema (digamos "humano") ligado a um ponto nodal mais baixo. (Na caracterização dos lexemas, esses semas ou classemas implicados são omitidos em virtude de sua redundância).

Seria possível dizer que a isotopia "central" de um texto é constituída pelo sema ou classema mais baixo que domine o maior número de lexemas do texto. No texto de Roubaud, preferiríamos "luminosidade" a "clareza", considerando que o primeiro sema tanto pode gerar o lexema *clair* quanto o lexema *soleil*. Da mesma forma, deverá ser isolado um sema (?) MUNDO, de preferência a uma configuração mais específica como NATUREZA (NÃO-ANIMADA) que não contém *soleil*. Por outro lado, também não se deve ir muito acima, selecionando por exemplo OBJETO (CONCRETO) que domina evidentemente um número muito grande de lexemas, sendo entretanto por demais geral para ser significativo para a interpretação.

Evidentemente, essas reflexões são ainda hipotéticas e insuficientes dentro da perspectiva da formalização da semântica textual. É preciso estar sempre atento para não confundir a descrição (derivação)

formal e a interpretação do desempenho, vale dizer, a projeção de frases profundas (muitas vezes hipoteticamente intercaladas).

Nem mesmo num texto poético podemos nos limitar a isolar certa taxionomia de semas (ou de categorias) correlatadas e f ou homologadas. É preciso procurar saber se não seria possível descobrir certa *sintaxe* dessas estruturas sêmicas profundas. Gruber ³³ afirma, com justa razão, que os semas e os próprios lexemas, antes mesmo de passarem a cargo do componente sintático da gramática, possuem sua própria estruturação funcional, sua própria sintagmática implícita (com em dar, vender, comprar, ir, vir, chegar, etc.) . No texto de Roubaud, poderíamos tentar estabelecer "frases sêmicas" e supor que elas sejam o modelo sintático-sêmico do texto inteiro. (Aproximamo-nos aqui das teorias actanciais de Greimas sobre o texto narrativo) . Inútil dizer que nessas frases sêmicas profundas já não encontramos verbos e sim, eventualmente, semas "ação" ou "dinamismo", que se acham na base dos verbos:

- | | | |
|-----|---|---------------|
| (a) | Eu não-percepção natureza/luminosidade causa: separação | (21) |
| (b) | Eu percepção natureza diferença | |
| (c) | Eu atividade natureza presença | |
| | apreensão | luminosidade |
| | produtividade | interioridade |
| | (causa/vivacidade) | exterioridade |
| | identidade | |

Observa-se que essas três frases sêmicas do texto lembram o modelo fundamental SN SV SN (PREP SN) . Essa macroestrutura sêmica do texto deverá ser especificada em Ssem. Salientemos que nossa hipótese sêmica possui até mesmo certa lógica, no sentido tradicional da palavra; as frases profundas (a), (b) e (c) parecem corresponder ao modelo do silogismo: eu não vejo a natureza (o sol) e eu vejo uma outra natureza, por conseguinte, eu produzi (ou: eu sou) esta (outra) natureza. O que faz supor que S_{em} não deve conter apenas traços elementares (semas), mas também regras lógicas (provavelmente predicativas) . Observemos finalmente que são os marcadores isotópicos (EU) que servem de constantes fundamentais para essas frases sêmicas.

VI. A estruturação sêmica na frase. A metaforização

Não se trata aqui de repetir o que disseram os semanticistas a respeito da estrutura das unidades no interior da frase, nem de precisar

33. Op. cit., 1965 e 1967.

as regras de amalgamação — a produção do sentido da frase inteira — as quais, com efeito, precisam ser reformuladas. Limitar-nos-emos aqui a esclarecer alguns aspectos do mecanismo lingüístico (semântico) que constitui a base de certo número de operações particularmente favorecidas no texto poético: sobretudo a metaforização. É que a semântica combinatorial da gramática normal exclui as "colocações" (termo da escola lingüística de Firth) de tipo:

- a) *sur l'arche des pensées* (22)
- b) *le cube pur de la nuit*
- c) *j'ai suscité soleil pour soleil*
- d) *soleils réveillés sur ma langue*
- e) *soleils alentour-averses.*

etc.

De certo ponto de vista, constata-se que a inserção lexical (que constitui ela própria certa transformação — de substituição) teve de sofrer uma *transformação*, que pode ser provocada por um relaxamento das regras sêmicas e classemáticas, que subtendem a combinação de sintagmas contíguos. Por oposição às coerções fônicas e sintáticas sobre-determinantes, assistimos aqui .a. uma colocação entre parênteses de semas normalmente presentes nos lexemas que se manifestam na superfície do texto. Segundo Weinreich ³⁴, Katz ³⁵ e outros, trata-se aqui de uma redistribuição de classemas ("humano"/"não-humano", "concreto"/"abstrato", etc.) na subcategorização final da derivação. Pode-se tentar formular esta operação metaforizante numa regra provisória: *Se dois lexemas I_1 e I_2 inseridos são incompatíveis, segundo as regras semânticas da gramática, pode-se eliminar o classema principal que impede a sua combinação, segundo a gramática em I_1 ou I_2 , ou então catalisar, logo a partir da articulação que domina esses lexemas, a categoria inteira desse (cias-)sema, vale dizer, acrescentar (por transformação de adição) o seu (clas-)sema oposto.*

No texto de Roubaud, pode-se acrescentar em (22 a) um classema "concreto" a *pensées*, ou, ainda,. um classema "abstrato" a *arche*, tendo-se em vista que esse último lexema é gramaticalmente dominado por *pensées* — se não isotopicamente por ele incluído. É válido este mesmo raciocínio quando não se trata de uma dependência, mas sim de uma identificação (a arca constituída pelos pensamentos) . No plano da interpretação (desempenho) tentaremos intercalar, provisoriamente, em lugar de *arche* [*arca*] um sintagma nominal que não seja incom-

34. Op. cit.

35. Op. cit.

patível com *pensées* [pensamentos] possuindo ao mesmo tempo alguns semas idênticos aos de *arche*. Pois é em virtude desses semas comuns que a interpretação pode construir uma frase profunda interpretável, colocando um *lexema associado* no lugar de um dos lexemas incompatíveis (esse lexema associado, ou melhor, seus semas, considerados como pertinentes, devendo portanto ser mantidos, no plano da performance pode constituir uma motivação, uma fonte da operação metafórica). A interpretação se transforma assim em (re) tradução (meta-fora) numa linguagem semicamente interpretável (e, por conseguinte, em certo sentido, banalizada) .

O mesmo se aplica a *soleils alentour-averses*, cujos semas "não--fluidez" e "fluidez" e "verticalidade" e "horizontalidade", parecem opor-se a uma combinação. Por uma regra de redistribuição, essas coerções podem ser suspensas em virtude de uma identidade sêmica (parcial) desses lexemas: lexemas associados (implicados) como *luz*, por um lado, e *chuva*, por outro, mostram que os dois lexemas são, afinal de contas, compatíveis (indiretamente) no eixo sêmico "fluidez" e no eixo sêmico "verticalidade". Esta catálise interpretativa é confirmada na superfície pela, combinação na estrofe 3: *j'ai suscité soleil.. . eau*. Observa-se aqui um estreito laço entre as operações microestruturais e a isotopia macroestrutural que, no plano metatextual, pode conformar interpretações baseadas em transformações sêmicas.

Alentour [em torno] retoma o sema "localidade" (ou "espacialidade") já presente em *étendu, devant moi, partout*, da 2.^a estrofe, onde esses lexemas eram igualmente associados a "mundo" e "luz" (*lampes* [lâmpadas]).

É preciso salientar que a operação tradicionalmente denominada metáfora não se restringe à linguagem poética. Lexematicamente, entretanto, ela parece aí menos codificada que no uso cotidiano da língua, onde a transformação (supressão, substituição, redistribuição) sêmica se limita a transferências altamente estereotipadas e muitas vezes associadas a campos semânticos específicos. As operações metonímicas e sinedóquicas são com freqüência mais dificilmente descritas formalmente, tendo em vista que o laço entre o lexema atualizado e o lexema associado pelo desempenho interpretativo é por vezes indireto, vale dizer que ele não tem caráter sêmico, fundamentando-se antes em nosso conhecimento sensível e conceitual do mundo dos referentes. Todavia, podemos reduzir esse conhecimento a um saber contextual e afirmar que *lampes* (lâmpadas) e "luz" (estrofe 2) por exemplo, estão "associados" (sem falar no sema eventual "luminosidade") por uma colocação habitual num mesmo contexto, e freqüentemente até num único

sintagma ou em sintagmas contíguos (a luz da lâmpada) . A contigüidade *de facto* torna-se então uma contigüidade *in texto*, pelo menos no plano (paradigmático) do sistema da língua — em seus aspectos da estrutura interna do léxico, sobretudo.

Nós procuramos demonstrar que, em princípio, o texto (poético), assim como a frase, é "derivável", isto é, formalmente susceptível de ser criado. Esta derivação, que é uma descrição, baseia-se essencialmente numa catálise de seqüências (indicadores profundos, subjacentes ao texto superficial). .8 sobretudo sobre a estrutura sintático-semântica dessas seqüências profundas respectivas que se fundamenta a nossa "interpretação" do texto inteiro. Pudemos observar que o trabalho "estilístico" (e semiótico: criação de novas unidades — operações — signifiantes) se efetua nos dois planos micro e macro estrutural, e consiste nos diversos "artefatos" dos estágios transif ormacionais (lexemático, sintagmático, fonêmico). É sobretudo o nível (clas-)sêmico que determina a ou as isotopias do texto todo, de par com as leis sêmicas e lógicas que subtendem o encadeamento de uma frase para a outra (manifestando-se por intermédio de substitutos pronominais, de conjunções, de advérbios, etc.). A isotopia temático-sêmica do texto poético baseia-se essencialmente num inventário de categorias sêmicas homologadas, "temática" que pode ter uma estrutura elementar sintagmática. O símbolo, muitas vezes bastante complexo, .a que demos o nome de "estruturador", garante na derivação formal essa unidade estruturada de signos, de frases e de operações, por nós apreendida como texto.

A gramática do texto e as etapas de sua criação formal

